

## A SAIA E AS PESSOAS NÃO-BINÁRIAS: UM SÍMBOLO DE ESTÉTICA, EMPODERAMENTO, REPRESENTAÇÃO E PERFORMANCE

José Mateus Carvalho dos Santos; Dr<sup>a</sup> Lícia Maria de Lima Barbosa (Orientadora).

*Universidade do Estado da Bahia – UNEB*  
[mateuscarvalho.oficial@hotmail.com](mailto:mateuscarvalho.oficial@hotmail.com)  
[pedrobeninho@yahoo.com.br](mailto:pedrobeninho@yahoo.com.br)

### Resumo

Uma pessoa que nasceu com um corpo masculino e se identifica assim, é um homem cisgênero, outra que nasce com um corpo feminino e não se enxerga assim, é homem trans, e assim sucessivamente. No entanto, uma pessoa pode se identificar com o gênero feminino e masculino ao mesmo tempo, ou até não se identificar com nenhum, pois a identidade de gênero não se limita ao binarismo, mas se estende, sendo esse último, pessoas “não-binárias”. Partindo do pressuposto que a estética é importante para as pessoas que se identificam enquanto gênero *queer* e/ou gênero não-binário, este estudo descreve como estas se mostram para a sociedade de modo a desconstruir e até, afrontar e confrontar as barreiras de gênero e também, não distante, de sexualidade. Por conta disso, surgiu o seguinte questionamento inicial desse estudo: qual a importância e o lugar da saia para estética e performance das pessoas não-binárias? Diante dessa pergunta, como objetivo geral visamos refletir sobre a importância e lugar da saia para a estética e performance das pessoas não-binárias e como objetivos específicos: compreender se a saia ajuda/ajudou no processo de empoderamento como uma pessoa não-binária; investigar sobre o preconceito sentido no cotidiano por uma pessoa não-binária usar saia. Para responder a questão e alcançar esses objetivos, usamos a metodologia das narrativas de vida dessas pessoas, através da entrevista semi-estruturada.

**Palavras-chave:** Estética, gênero não-binário, performance.

### Introdução

O binarismo de gênero é o dominante na sociedade atual, na qual, o homem e a mulher são vistos como categorias tão naturais quanto ao hábito de vestir roupas, como se também, esse ato fosse algo natural. Esse hábito, assim como se identificar como homem ou mulher, é uma demanda social e histórica da sociedade em que vivemos. Diante disso, através da reflexão sobre gêneros em conjunto com a Teoria *Queer*, que advoga sobre as infinitas possibilidades de identificação de gênero, a qual as pessoas podem se identificar como homem, mulher, os dois ao mesmo tempo, ter gênero fluído ou até mesmo não se identificar com nenhuma categoria, e neste último, encontramos o gênero não-binário (REIS e PINHO, 2016).

Para o que chamamos de performar, seja com um dos gêneros, seja com os dois, ou até, com nenhum, as pessoas usam da estética, se mostram com maquiagens, adornos, ou roupas. Junto a esses objetos que auxiliam nesse processo, a corporeidade, ou seja, a ação do corpo é importante para o complemento desse ato de performar.

Diante desses aspectos, compreendemos que a estética é um ramo da Filosofia que está relacionada às questões ligadas as Artes, como o belo, o gosto, os estilos, as teorias da criação entre outras. Neste sentido, do ponto de vista filosófico, a estética estuda racionalmente o belo e o sentimento que este desperta nas pessoas, mas nas línguas ocidentais significa sensação e percepção (BAYER, 1995) e são nesses sentidos de sensação e percepção que entendemos a estética na performance das pessoas não-binárias.

Com isso, os adornos e as roupas se tornam meio de expressão e de comunicação dos corpos que permitem inúmeras interpretações. Então, partindo do pressuposto que a estética é importante para as pessoas que se identificam enquanto gênero *queer* e/ou gênero não-binário, este estudo descreve como estas se mostram para a sociedade de modo a desconstruir, afrontar e confrontar as barreiras de gênero e também, não distante, de sexualidades.

Esses aspectos de desconstrução, afrontamento e confronto dos padrões cisgêneros e heteronormativos perpassam pelo empoderamento individual, mas também coletivo. Segundo Gohn (2004) o empoderamento pode ocorrer em diversos níveis, podendo ser individual, organizacional e comunitário. Com isso, conforme Baquero (2006) no empoderamento individual as pessoas ganham conhecimento e controle sobre suas forças pessoais, para agir na melhoria de suas situações de vida. Neste caso, as pessoas não-binárias através de sua performance angariam forças para o enfrentamento dos preconceitos no cotidiano.

Além disso, temos um aspecto pessoal, identitário, social e político com o objeto, pois uma das autoras dessa pesquisa se identifica como uma pessoa não-binária e assim, como alguns amigos e amigas, usa saias e enfrenta preconceitos e incompreensões contínuas sobre as identidades. Por conta disso, surgiu o seguinte questionamento inicial desse estudo: qual a importância e o lugar da saia para estética e performance das pessoas não-binárias?

Diante dessa pergunta, como objetivo geral visamos refletir sobre a importância e lugar da saia para a estética e performance das pessoas não-binárias e como objetivos específicos: compreender se a saia ajuda/ajudou no processo de empoderamento como uma pessoa não-binária; além de, investigar sobre o preconceito sentido no cotidiano por uma pessoa não-binária usar saia.

## **A metodologia**

Para responder a questão e alcançar esses objetivos, usamos a metodologia das narrativas de vida das pessoas não-binárias, através da entrevista semi-estruturada, além de aspectos da trajetória de vida de uma das autoras com a (auto)biografia.

Esse procedimento metodológico advém da abordagem qualitativa a qual obtém os dados necessários “pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos” (GODOY, 1995, p.58) ficando perceptível que o sujeito é o centro da pesquisa, através do seu ponto de vista a história é moldada, analisada e refletida pelo pesquisador.

Conforme já mencionado a narrativa de vida, através da entrevista semi-estruturada, orientou a coleta de dados, pois este instrumento envolve a subjetividade e com isso, dá voz aos sujeitos que foram e, ainda são excluídos. Essas falas reconstroem uma história pessoal, além de promover uma resignificação do passado e do presente, resultando numa narrativa estruturada do próprio entrevistado ou entrevistada (ATAIDE, 2006).

Nóvoa (1993, p.42) faz uma notória reflexão sobre a utilização das narrativas e (auto)biografias nos dias de hoje, dizendo que “é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico”. A nova atenção concedida para esse tipo de abordagem no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo, o autor completa que “encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivencia face ao instituído”.

Portanto, é muito pertinente usar uma metodologia que renova os modos de se produzir conhecimento, através das vivencias e experiências das pessoas, além das nossas. Com isso, entendemos que é preciso dar ênfase aos sujeitos que têm as experiências de vida, nesse caso as pessoas não-binárias.

### **Breve histórico do vestuário: molde da feminilidade e masculinidade**

Pretendemos aqui trazer um breve histórico do vestuário masculino e feminino, principalmente, a partir do século XIX, no processo da Revolução Industrial. Entendemos que pela maneira de se vestir de uma sociedade, em determinada época, essa indica alguns aspectos importantes para as questões de gênero e sexualidades. Mas, percebemos que os escritos desse período referentes a moda apenas privilegia os bem sucedidos, na qual a classe trabalhadora é

excluída, portanto, o jeito de se vestir descrito aqui está relacionado às pessoas das classes privilegiadas.

Segundo Orsi e Carmo (2015) no século XIX era a Inglaterra que estabelecia as regras da moda masculina enquanto a França definia a moda feminina. Com a Revolução Industrial, os homens necessitavam de roupas que facilitassem os movimentos, portanto, surgiram trajes sóbrios, sérios e impessoais. E as mulheres, aos poucos, conquistavam seu espaço, as mais ousadas já dirigiam e trabalhavam fora, porém essas eram ainda as filhas de donos de terras ou donos de grandes comércios, utilizavam o terno “feminino” que foi sendo introduzido ao vestuário, sendo inicialmente usado com uma saia drapeada.

Para Chataignier (2010), como Paris lançava a moda feminina, com vestidos de cintura alta e mangas fofas e curtas, tornou-se logo o modelo para os habitantes da classe privilegiada do Rio de Janeiro que utilizavam tanto para festas religiosas como para saídas breves, copiada por mulheres brancas de todas as idades e conseqüentemente, mais tarde, pelas mulheres negras alforriadas ou aquelas que recebiam roupas de suas amas.

Para Brandini (2009), o século XIX foi um momento de ruptura, transformação e adoção de novos valores e referências. A moda se uniu à industrialização e isso fez com que ela fosse disseminada rapidamente. Se nos anos de 1830 as mulheres mostravam status social e moral de suas famílias, através da vestimenta, a partir de 1850 e 1860 elas foram influenciadas pelo capitalismo patriarcal e machista, e representavam a condição social de seus maridos. O exibicionismo público nos trajes da mulher tornou-se o medidor do poder econômico e influência social masculina, o patriarcado junto ao capitalismo tomou força.

Segundo Breward (1995), as inovações tecnológicas, a reorganização do comércio e a industrialização, ocorridas nesse período, geraram mudanças profundas na concepção e expressão de vestimenta. O autor ainda complementa que as roupas têm a capacidade de decifrar códigos e mensagens que, ainda não verbalizadas, estão sendo passadas adiante. Neste sentido, as roupas são símbolos de processos históricos e culturais de uma sociedade, elas fazem parte da nossa identidade e refletem o momento em que vivemos.

Além do mais, percebemos que as vestimentas moldam a feminilidade e a masculinidade, se alguém sair desse padrão estabelecido nas vestimentas, como é o caso das pessoas não-binárias com corpo masculino que usam saias ditas femininas, é gerado uma série de incompreensões e preconceitos.

## A performance e o gênero não-binário

Falar de pessoas não-binárias é discutir, também, sobre sexualidades, orientação sexual, mas principalmente, sobre gênero e identidades de gênero, pois gênero diz respeito ao “modo como nossa sociedade constrói representações sobre ser homem ou ser mulher e pressupõe que sejam naturalmente estabelecidas” (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010, p.13). O gênero vai além do sexo (biológico) e o transcende. Neste caso, ser homem ou mulher, não é questão biológica, do genital, mas de reconhecimento, autopercepção e da forma como a pessoa se expressa, esse processo se dá nas relações sociais.

Enquanto o gênero masculino tem uma identidade de força e virilidade, precisa ser frio, determinado, insensível, fechado, duro. O feminino é considerado frágil e delicado, precisa ser dócil, carinhosa, acomodada, sensível, dependente. Romper esse modelo faz com que homens e mulheres fiquem pouco a vontade e distantes da suposta natureza e expostos a ridicularização pela sociedade (PASSOS, 1999).

O termo gênero difere-se de orientação sexual, porém poucas pessoas tem esse conhecimento. Por conta disso, com o objetivo de proporcionar um melhor entendimento a respeito da orientação sexual e identidade de gênero foi elaborado os Princípios de Yogyakarta (2007), no qual conceitua:

[...] orientação sexual como estando referida à capacidade de cada pessoa de experimentar uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas; [...] identidade de gênero como estando referida à experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo-se aí o sentimento pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive o modo de vestir-se, o modo de falar e maneirismos (INDONÉSIA, 2007, p.09-10).

Entendido a diferenciação entre orientação sexual e identidade de gênero, percebemos que o performar para as pessoas queer e não-binárias é um ato importante de expressão de suas identidades. Diante do exposto, para Roxie (2011) o gênero *queer* é um termo guarda-chuva que pode ser utilizado para descrever aquelas pessoas com gêneros não-normativos, estas pessoas podem ser: simultaneamente homem e mulher; nem homem, nem mulher; que movem-se entre dois ou mais gêneros; terceiro gênero ou outro gênero (inclui aquelas pessoas que preferem “genderqueer” ou “não-binário” para descrever seu gênero sem chamá-lo de outra forma), entre outras.

Já para refletir sobre o performar, Butler (2003, p.194) diz que esses atos, gestos e desejos “produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por

meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa”, percebemos com isso, o ato de performar como sendo um aspecto importante para as pessoas *queer* e não-binárias quebrarem muitas barreiras de gênero, pois são gêneros não-normativos.

Diante disso, entendemos a frase de Beauvoir (1980), na qual diz que ninguém nasce mulher, torna-se mulher, e também, não nasce homem, as pessoas nascem com um órgão feminino, masculino ou ambos. Enquanto o ser humano cresce, ele se depara com papéis e performances de gêneros diferentes com os quais se identifica.

Uma pessoa que nasceu com um corpo masculino e se identifica assim, é um homem cisgênero, outra que nasce com um corpo feminino e não se enxerga assim, é homem trans, e assim sucessivamente. No entanto, uma pessoa pode se identificar com o gênero feminino e masculino ao mesmo tempo, ou até não se identificar com nenhum, pois o gênero não se limita ao binarismo, mas se estende, essas pessoas são “não-binárias” da nossa sociedade (JESUS, 2012).

A Teoria *Queer*, parece ser complexa, mas Vieira (2015) a traz em palavras simples a respeito da sua importância prática, na qual, diz que a Teoria *Queer* propõe o questionamento às epistemes (pressupostos de saber), ao que entendemos como verdade, às noções de uma essência do masculino, de uma essência do feminino, de uma essência do desejo. Essa teoria traz um choque para quem desconhece essa discussão, porém, para quem a vivencia traz empoderamento tão necessário para a vida cotidiana.

## **Construção de discussões e reflexão dos dados da pesquisa**

As narrativas objetivaram trazer um pouco da vida cotidiana dessas pessoas, na prática, os preconceitos vivenciados e sentidos, a afirmação das identidades, entre outros aspectos. Para isso, algumas questões foram postas para as interlocutoras. Essas interlocutoras são pessoas que se consideram não-binárias, que usam a saia e outros acessórios considerados de mulher em seu cotidiano, além disso, são da cidade de Serrinha, interior da Bahia, todas se consideram negras, moram na periferia e uma em questão, mora na zona rural dessa cidade.

Em relação as perguntas, indagamos: a saia é uma vestimenta utilizada para afirmar sua identidade? Na sua opinião, qual a importância desse elemento?

*Sim, pois todo ato manifestativo é um ato político e todo e qualquer adereço, inclusive a saia, que me afirme enquanto pessoa não-binária se caracteriza em ato político e afirmativo. Para além do papel afirmativo, a ideia de usar saia tem uma característica de*

*desconstrução da virilidade masculina e para mostrar que todos podem ser iguais em um determinado patamar de igualdade, e isso, pelo fato da saia ser um adereço dito feminino. (interlocutorx 4).*

*Sim, eu uso saia para afirmar minha identidade. Sou não-binária, com muito orgulho. E visto saia porque gosto, me acho mais linda quando uso elas. Não gosto muito de saias curtas, gosto de longas... Acho, que a gente se afirma mais quando tá assim, com saia, com maquiagem, porque as pessoas não estão acostumadas em ver uma pessoa que nasceu homem usar coisas que dizem que são de mulheres... é importante por isso, para causar. É engraçado que antes as mulheres usavam saias grandes porque eram obrigadas, e nós usamos saias para nos afirmar. (interlocutorx 1).*

Segundo Braga (2004), no século XIX as mulheres da burguesia, eram obrigadas a usarem saias longas e volumosas para mostrar a riqueza dos seus maridos, com o passar do tempo, por conta das conquistas do trabalho, a saia foi perdendo volume e tamanho para não atrapalhar nesse trabalho, posteriormente, com direitos sexuais mais firmados, as mulheres passam a usar roupa mais “confortáveis”. E, como dito pela interlocutora, as mulheres usam todos os tipos de peça, pois não é mais obrigatório usar saias e as pessoas não-binárias, veem nas saias que é uma peça historicamente feminina, um meio de questionar a masculinidade e afirmar sua identidade.

Foram feitas também, outras perguntas relacionadas ao cotidiano: você sofre ou sente algum tipo de preconceito ao se mostrar no seu dia-a-dia? Suas particularidades e direitos subjetivos são respeitados?

*Sinto muito preconceito quando saio de casa, principalmente em lugares longe do meu bairro. Como eu moro na periferia, eu tenho que tomar bastante cuidado quando eu vou para outros bairros... O maior tipo de violência que sofro são os olhares, me olham torto, as vezes, com olhar de espanto e isso é chato. Já fui xingada, já me cuspiram... (interlocutorx 2).*

*Nunca sofri um preconceito direto, como agressão física, ou algo do tipo, mas já vi algumas pessoas com a cara fechada, fazendo sinal de não com a cabeça... Mas, não ligo, porque eu construí uma ideia sólida do que é ser não-binária e de me aceitar dessa forma, e quando nós aceitamos aquilo que somos, fazemos com que as pessoas nos respeite e pronto, afinal empoderar é uma forma de resistir. Mas, eu sei também que tem pessoas que não estão acostumadas a ver não-binárias e daí gera um espanto, mas acho que ainda não nasceu nenhum louco para vir com preconceito para cima da de cá. (interlocutorx 4).*

*Uma vez, estava em um bar e o banheiro masculino estava ocupado e o feminino estava desocupado, usei o feminino, quando saí, uma mulher gritou que tinha um homem dentro do banheiro e que ninguém mais respeitava a privacidade... Disse a ela que eu sou não-binária e ela falou que “viado” tem que usar o banheiro dos homens. A gente percebe o desconhecimento das pessoas em relação a isso e claro, me senti constrangida. (interlocutorx 3).*

*Eu estudo, faço ensino médio, e já pedi para fazerem a chamada com meu nome que gosto, meu nome social, mas tem algumas professoras que mesmo sabendo não me chamam, com certeza, é preconceito. (interlocutorx 1).*

Mesmo com as diversidades de situações vivenciadas pelas interlocutoras, com preconceitos e algumas situações de agressões físicas e outras simbólicas, percebemos a incompreensão da

situação identitária dessas pessoas, percebemos isso com a situação relatada sobre o uso do banheiro público e do nome na lista de chamada na escola, além disso, com a interlocutora 4, percebemos o sentido de enfrentamento com o chamado afrontar os preconceitos por meio da estética, da performance, do discurso e da corporeidade das pessoas que sofreram alguma forma de preconceito. Em relação a essas vivências, das pessoas não-binárias, Butler (1993), em seu livro “*Bodies That Matter*”, diz:

Identificar-se com um gênero sob os regimes de poder contemporâneos envolve se identificar com um conjunto de normas que são e não são realizáveis, e cujo poder e status precede as identificações às quais elas são insistentemente aproximadas. Esse “ser um homem” e esse “ser uma mulher” são assuntos internamente instáveis. Eles são sempre cercados por ambivalência precisamente porque há um custo em cada identificação, a perda de algum outro conjunto de identificações, a aproximação forçada de uma norma que não é escolhida, mas que nos escolhe, e que, no entanto, ocupamos, nos revertermos, nos resignificamos ao ponto que a norma falha em nos determinar por completo (BUTLER, 1993, p.73).

Fazendo uma ligação entre o que Butler (1993) diz e as falas das interlocutoras, percebemos que é recorrente para a sociedade, a comparação entre as performances do gênero *queer* e não-binário com os gêneros normativos (masculino e feminino), e nessa comparação se criam e se disseminam os preconceitos. Além disso, é importante destacar nas falas das interlocutoras os aspectos de raça, regionalidade, territorialidade e classe social, pois esses aspectos se somam aos preconceitos sofridos.

Percebemos também, que na fala das interlocutoras, elas citam o uso dos acessórios femininos, incluindo a saia, como elementos importantes para afirmar a identidade não-binária, sendo ato político, de empoderamento e resistência. E a escola, infelizmente, não sabe lidar com isso, ajudando na manutenção da sociedade cisheteronormativa, a qual ser cisgênero (pessoa que se identifica com o gênero imposto ao órgão sexual do nascimento) e heterossexual (pessoa que sente atração afetivo-sexual por pessoas de gênero oposto) é o normal e todas as outras identidades e sexualidades ficam à margem.

## **Considerações finais**

Esse trabalho partiu do pressuposto que a estética é um elemento importante para a identidade não-binária, diante disso, surgiram outros elementos também relevantes como a performance, o empoderamento e a representatividade. Além disso, várias inquietações surgiram e a principal foi a respeito da importância da saia no corpo masculino de uma pessoa não-binária.

Entendemos que o melhor caminho metodológico para compreender esse processo foram as narrativas, pois é primordial que as pessoas falem por si, nos seus lugares. Com isso, a técnica da entrevista semi-estruturada foi significativa para esse percurso. Através disso, surgiram outros aspectos, como as relações étnico-raciais, a regionalidade, aspectos referentes a classes sociais e culturais. Todos esses elementos se juntam, as identidades se aglutinam e os preconceitos, diante de uma sociedade com bases patriarcais, machista, racista, LGBTfóbica, xenofóbica, se elevam.

Para tanto utilizamos de autores e autoras como JESUS (2012), VIEIRA (2015), PASSOS (1999), HEILBORN E BARRETO (2010), BUTLER (1993) e ROXIE (2011) para o aporte teórico desse trabalho. Esses e essas são estudiosos e estudiosas da área do gênero, da sexualidade, da *Teoria Queer*, muito importantes para essa discussão.

Concomitantemente, as falas das interlocutoras nos proporcionaram todas essas reflexões, tanto nas questões individuais, quanto nas questões sociais e políticas. Através do elemento saia, podemos perceber como a ação de performar com esse e outros adereços gera um ato político e afirmativo, bem como, de representação e afirmação da identidade não-binária, pois, proporciona um questionamento da masculinidade, deslocando os sujeitos masculinos e, também, femininos, héteros e cisgêneros.

A saia em conjunto com outros elementos ditos femininos usados por corpos masculinos não-binários, além de possibilitar questionamentos dos padrões sociais cisgêneros e heterossexuais, proporciona empoderamento individual e social para essas pessoas, pois isso mostra a existência, bem como a resistência cotidiana aos preconceitos, através do afrontamento e confronto aos limites de gênero e sexualidade estabelecidos.

Não podemos deixar de lado os preconceitos sofridos por essas pessoas que fogem desses limites estabelecidos, seja andando nas ruas, mas, principalmente quando falamos em relação à Educação. E é na escola onde a incompreensão dos gestores, professores, professoras e toda comunidade escolar gera repressão, disseminação e reprodução da LGBTfobia.

Diante do exposto, justificamos a escrita desse trabalho pela relevância de se conhecer as diversidades para que estas sejam respeitadas, pois sem o conhecimento sobre a existência de certos grupos e suas especificidades, dificulta a construção de direitos e Políticas Públicas que os contemplem. Além do mais, a luta pela visibilidade dessas pessoas vem passando por enormes debates, sejam nas questões de direitos subjetivos, de livre expressão até a aspectos formais, jurídicos, políticos, e também, de direitos a educação, saúde, lazer, entre outros.

Nesse trabalho percebemos a importância da estética para as pessoas *queer* e não-binárias, principalmente da saia como símbolo, além de estético, mas também, de empoderamento,

representação e performance para essas pessoas, bem como, da luta diária dessa população por visibilidade e respeito. Esperamos que esse estudo contribua para ampliar o debate sobre essa temática, a fim de disseminar conhecimento e informação sobre essas pessoas e proporcionar reflexão de como é urgente a conquista e promoção de direitos para se combater a LGBTfobia.

## Referências

ATAIDE, Yara Dulce Bandeira de. História oral e construção da história de vida. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). **Tempos Narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

BAQUERO, Rute. **Empoderamento: questões conceituais e metodológicas**. Redes: Santa cruz do Sul, v. 11, n. 2, p. 77-93, maio-ago. 2006.

BAYER, Raymond. **História da estética**. Lisboa: Estampa, 1995.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.

BRAGA, João. **História da Moda: uma narrativa**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

BRANDINI, Valéria. **Cultura de Consumo e Modernidade no Século XIX**. Signos do Consumo, v. 1, p. 10-20, 2009.

BREWARD, Christopher. **A cultura da moda**. Manchester, Manchester University Press, 1995.

CHATAIGNIER, Gilda. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York: Roudedge, 1993.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63. Mar./Abr. 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. Saúde e sociedade, São Paulo, v.13, n. 2, p. 20-31, maio-ago. 2004.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAUJO, Leila; BARRETO, Andreia (Org.). **Gestão em políticas pública em Gênero e Raça**: GPP-Ger: módulo II. Brasília: Cepesc: Secretaria de Políticas Para As Mulheres, 2010.

INDONÉSIA. **Princípios de Yogyakarta**. Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Tradução de Jones de Freitas: Observatório da sexualidade e política, 2007.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2ª edição – revista e ampliada. Brasília Dezembro, 2012.

NÓVOA, António (org.) **Vida de Professores**. Porto Alegre: Porto Editora, 1993.

ORSI, Vivian. CARMO, Leonardo. **Reflexões sobre o léxico e a moda do século XIX**. Revista Moda Documentada: São Paulo, ano II, n. 1, 2015.

PASSOS, Elizete Silva. **A construção da identidade de gênero**. In: PASSOS, Elizete Silva. Palcos e Platéias – as representações de gênero na faculdade de filosofia. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 1999.

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. **Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, Jan./Abr., 2016.

ROXIE, Marilyn. **O que é gênero queer?** Salvador, Coletivo Safira: 2011.

VIEIRA, Helena. **Teoria Queer, o que é isso?** Revista Fórum, 07 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/06/07/teoria-queer-o-que-eisso-tensoes-entre-vivencias-e-universidade/>>. Acesso em: 18 Março de 2017.